

MUITAS FUGIAM AO ME VER: A IMPORTÂNCIA DA POESIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO PROBLEMATIZADORA DA CULTURA NEGRA EM AMBIENTES EDUCACIONAIS

Julia Amorim Monteiro¹ – Universidade Federal de Lavras

Camila Oliveira Lourenço² – Universidade Federal de Lavras

Marco Antonio Villarta-Neder³ – Universidade Federal de Lavras

Resumo:

O presente trabalho busca realizar uma análise do poema *Muitas fugiam ao me ver*, da autora brasileira Carolina Maria de Jesus, a fim de identificar a importância da abordagem dessa poesia em ações educacionais diversas e de discutir a relevância da divulgação da obra. O poema faz parte do livro *Antologia Pessoal*, publicado por José Carlos Sebe Bom Meihy, de 1997. A obra apresentada revela alguns aspectos que podem ser discutidos nos ambientes educacionais como a questão do preconceito racial, a resistência da mulher negra e a tentativa de ascensão de uma classe que foi historicamente dominada. Para a análise do poema foi utilizada a pesquisa qualitativa, juntamente com a análise discursiva baseada no referencial do Círculo de Bakhtin, mais especificamente, o cotejo de enunciados. Da perspectiva bakhtiniana, todo enunciado responde a algo dito anteriormente e suscita dizeres e compreensões posteriores. Assim, somente pelo cotejo dessas etapas é que se pode analisar o sentido de um enunciado. Em seguida à análise do poema foi possível destacar três enunciados: questões que perpassam a luta diária pela sobrevivência de uma classe excluída historicamente, o preconceito racial e a resistência da mulher negra. Após análise e discussão do trabalho, considera-se o poema uma ferramenta rica para trabalhar questões relacionadas à problemática racial nos mais variados ambientes educacionais, pois a partir dos enunciados presentes é possível compreender a dimensão histórica, política e social que envolve a autora negra, e, assim, promover o contato entre a obra e os estudantes para permitir a construção de um olhar crítico sobre a realidade, além de fazê-los perceber que diferentes vozes podem ser representadas na arte. Além disso, em tempos sombrios como esses, cujos discursos de ódio vêm disfarçados de cuidado e carregados de moralismo, se faz necessário divulgar figuras tão marcantes quanto Carolina Maria de Jesus.

Palavras-chave: Poesia. Carolina Maria de Jesus. Educação.

Abstract:

The present paper seeks to analyze the poem *Muitas fugiam ao me ver*, by Brazilian author Carolina Maria de Jesus, in order to identify the importance of approaching this poetry in various educational actions and to discuss the relevance of the dissemination of the work. The poem is part of the book *Antologia Pessoal*, published by José Carlos Sebe Bom Meihy, 1997. The work presented reveals some aspects that can be discussed in educational environments such as the issue of racial prejudice, the resistance of black women and the attempt rise of a class that was historically dominated. For the analysis of the poem, qualitative research was used, along with discursive analysis based on the Bakhtin Circle framework, more specifically, the collation of statements. From the Bakhtinian perspective, every utterance responds to something said earlier and elicits later sayings and understandings. Thus, only by comparing these steps, the meaning of a statement can be analyzed. Following the analysis of the poem it was possible to highlight three statements: questions that pervade the daily struggle for the survival of a historically excluded class, racial prejudice and resistance of black women. After analysis and discussion of the paper, the poem is considered a rich tool to work on issues related to racial problems in various educational environments, because from the present statements it is possible to understand the historical, political and social dimension that involves the black author, thus, promoting the contact between the work and the students can allow the construction of a critical look at reality, besides making them realize that different voices can be represented

¹Licencianda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Lavras.

²Licenciada em Ciências Biológicas, Mestranda no programa de Pós-graduação em Educação Científica e Ambiental da Universidade Federal de Lavras.

³Doutor em Letras (Linguística e Língua Portuguesa) pela Unesp-Ar. Professor Associado do Departamento de Estudos da Linguagem e docente dos programas de Pós-Graduação em Letras, Educação e Ensino de Ciências/Educação Ambiental da Universidade Federal de Lavras.

in art. Moreover, in dark times such as these, whose hateful speeches are disguised with care and full of moralism, it is necessary to disclose such striking figures as Carolina Maria de Jesus.

Keywords: Poetry. Carolina Maria de Jesus. Education.

Introdução

O poema constitui-se por uma linguagem cifrada, ritmada e ligeira que canta a vida e convida quem o lê a desfrutar dela com atenção e sensibilidade, para que, então, possa reconstruir o sentido da vida (RAMALHO, 2014). A poesia de Carolina Maria de Jesus, *Muitas fugiam ao me ver*, pode ser caracterizada como uma das obras poéticas que canta a vida e ainda reconstrói o olhar sobre ela. Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento-MG, em 1914, filha de negros que migraram para a cidade no início das atividades pecuárias na região, sendo então de família muito humilde (GALVÃO, 2017). A autora, de acordo com Galvão (2017), estudou durante dois anos no colégio Allan Kardec – primeira escola espírita do Brasil –, no qual crianças pobres eram sustentadas economicamente por pessoas influentes da sociedade.

Em 1947, a escritora mudou-se para São Paulo, onde residiu na favela do Canindé. Nesse contexto, ela vivia de catar papéis, e foi no lixão onde trabalhava que dava continuidade aos seus estudos, pois nele recolhia os livros que encontrava para ler. Diante disso, passou a registrar seu cotidiano, tanto no lixão quanto na favela (ALVES, 2014).

Na década de 1950, seus escritos foram encontrados por Audálio Dantas, jornalista, que conforme relatou em entrevista para Machado (2006), foi à favela do Canindé para fazer uma matéria e teve acesso aos cadernos de Carolina. Ele foi responsável por publicar o livro mais famoso da autora, conhecido como “Quarto de Despejo”. Apesar de esse ser o livro mais conhecido, o qual foi traduzido para muitas línguas, Carolina conta com inúmeras obras publicadas postumamente. Uma dessas obras é *Antologia Pessoal*, que conta com poemas reunidos por José Carlos Sebe Bom Meihy, publicado no ano de 1997.

Nesse contexto, percebe-se que Carolina, apesar de fazer parte de uma parcela da sociedade que muitas vezes não domina o conhecimento elaborado, exercia a ação da leitura e, por conta disso, escrevia tanto relatos quanto textos mais elaborados. Entre esses escritos, um dos exemplos é a poesia, que é reconhecida como arte e é dotada de forma e conteúdo.

Neste sentido, ela se configura como conhecimento, como uma operação capaz de transformar o mundo, é por si só revolucionária e permite uma libertação interior (PAZ, 1982). Assim, é possível identificar um potencial reflexivo nas poesias, o que se torna relevante para o trabalho com este tipo de linguagem nas diferentes instituições de ensino, sendo este também um dos meios para interferir na qualidade do letramento lírico dos estudantes (RAMALHO, 2014).

Bakhtin (1990) traz em sua obra que a forma do poema estabelece relações de sentido quando articulado à história e à cultura, uma vez que esses elementos são indissociáveis. O poema de Carolina se insere em um contexto histórico-cultural e se constitui no e pelos acontecimentos. Dessa forma, é possível identificar uma síntese dialética entre o psíquico e o ideológico, que continuamente se dá na palavra (VOLÓCHINOV, 2018). Este mesmo autor ainda aborda que, “cada ato discursivo, a vivência subjetiva é eliminada no fato objetivo da palavra-enunciado dita; já a palavra dita, por sua vez, é subjetivada no ato de compreensão responsiva, para gerar mais cedo ou mais tarde uma réplica responsiva.” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 140).

Bakhtin (1990, p. 33) ainda aponta que “os três campos da cultura humana — a ciência, a arte e a vida — só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade”. Assim, a discussão proposta tem a potencialidade de estruturar os três campos da cultura humana, visto que o poema se configura como arte, essa discussão se inicia no meio acadêmico, no entanto, se propõe a atingir os diversos meios educacionais. É nesses ambientes que haverá discussão e mediação para que diferentes enunciados se construam por meio dessa arte.

Partindo dessa concepção, analisar a obra da autora permite enriquecer o espaço e o conhecimento escolar, uma vez que as instituições educacionais têm se mostrado omissas quanto ao dever de reconhecer positivamente o sujeito negro no cotidiano, o que converge para o afastamento desses do quadro de ensino (CAVALLEIRO, 1999). No entanto, vale salientar a construção da Lei 10.639 do ano de 2003 que torna obrigatório, por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação (DCN), o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. Neste sentido, a construção desta lei se configura como ação afirmativa que visa ao reconhecimento e a valorização da história, cultura e identidade do povo negro. Além disso, essa política afirmativa busca combater o racismo e as discriminações que atingem os negros (BRASIL, 2004, p. 10).

Retornando ao passado, nota-se que, cada vez mais, as questões envolvendo a diversidade sociocultural estão sendo discutidas nas escolas. Em consonância com esse progresso, *Quarto de Despejo* entrou para a lista de leituras obrigatórias de uma das maiores universidades do nosso país, ou seja, esse debate tem sido levantado. Apesar disso, a necessidade de formar cidadãos com um olhar ampliado para e sobre essas questões não tem sido suprida.

A ausência de discussões nas diversas instituições de ensino pode levar a sustentação de uma cultura e de uma ideologia homogeneizadoras, as quais constantemente, por meio de táticas tão sutis, vêm negando e reprimindo os valores e as tradições dos povos afro-brasileiros e dos demais grupos excluídos socialmente (SANTOS, 2014).

Nesse ponto, propor uma discussão do poema da autora, que enuncia a vida de uma figura historicamente excluída e pouco citada na atualidade em instituições de ensino, torna possível a divulgação de sua obra e o reconhecimento sobre a importância de produções realizadas por sujeitos negros, além de enriquecer as discussões nos ambientes pedagógicos.

Portanto, este trabalho tem como objetivo analisar o poema *Muitas fugiam ao me ver*, da autora brasileira Carolina Maria de Jesus, a fim de identificar, por meio dos enunciados que a obra suscita e responde, a importância da abordagem dessa poesia em ações educacionais diversas e, conseqüentemente, a relevância da divulgação da obra.

1. Metodologia

Como metodologia de análise, foi utilizada a pesquisa qualitativa, juntamente com a análise discursiva baseada no referencial do círculo de Bakhtin, mais especificamente, o cotejo de enunciados (BAKHTIN, 2011; VOLÓCHINOV, 2018). O círculo de Bakhtin é o nome dado ao grupo formado por Mikhail Bakhtin, pensador russo, seus amigos e colaboradores. Este círculo apresenta um conjunto de trabalhos e reflexões desde os anos 1920 até os anos 1970. Dentro do grupo destacam-se os trabalhos de Mikhail Bakhtin, Pavel Medviédov e Valentin Volóchinov. Trata-se de reflexões de caráter filosófico-sociológico-linguístico-antropológico que abordam questões de filosofia, linguagem(ns), ciência(s) e arte(s) (SILVA, 2013).

O círculo de Bakhtin pensa a linguagem como um lugar de convergência de diferenças, em que a identidade se constrói pela convivência com a diversidade, com o outro (SILVA, 2013). E para este filósofo é na cotidianidade que encontramos sentidos concretos para a linguagem, a qual se desenvolve por meio do diálogo que se caracteriza como um palco, que irá permitir o encontro de um sujeito com outro. Neste sentido, podemos compreender que a língua é um organismo vivo materializado pelas relações entre os sujeitos (REIS NETO, 2019).

Considerando a perspectiva da comunicação, do diálogo, é possível abordarmos a enunciação como um desses meios de diálogo. Segundo Volóchinov (2013), a enunciação pressupõe realizar a existência não só de um falante, mas também de um ouvinte e, para que ela exista, pressupõe inevitavelmente protagonistas.

Na perspectiva bakhtiniana, todo enunciado responde a algo dito anteriormente e suscita dizeres e compreensões posteriores e orienta-se para uma resposta, sendo um elo na cadeia ininterrupta de discursos. Assim, somente pelo cotejo dessas etapas é que se pode analisar o sentido de um enunciado. Dessa maneira, procuramos responder à seguinte pergunta: o enunciado da autora é uma resposta a quais possíveis enunciados?

2. Resultados e discussão

Uma vez inserido na cadeia contínua de enunciados, o poema analisado responde e suscita outros dizeres. Assim, serão destacados, a partir da obra, três enunciados que possibilitam discussões nos ambientes educacionais, sendo eles: classe social excluída historicamente, preconceito racial e resistência da mulher negra.

2.1 Classe social excluída historicamente

“Era papel que eu catava para custear o meu viver” (JESUS, 1996).

O enunciado que a autora constrói a partir de sua vivência responde ao contexto em que se encontrava, principalmente porque suas obras são autobiográficas. A partir dos versos, é possível perceber que a autora exercia uma função historicamente associada à classe dominada. A divisão da sociedade em classes – a dominante e a trabalhadora –, está ligada ao processo constituinte do capitalismo, que é o produtor da exploração do homem pelo homem e que produz as desigualdades sociais (MARX, 2013).

Quando Carolina escreve sobre sua vivência, ela exhibe sua consciência, já que esta nasce e existe encarnada na palavra (VOLÓCHINOV, 2018). Dessa forma, a autora tem consciência do lugar que ocupa na sociedade, sendo isso um fenômeno socioideológico. Nessa concepção, mesmo sabendo que pertencia à classe dominada, ela escreve, exercita seus pensamentos e pensa independentemente da posição que ocupa.

Gramsci (1977) traz o conceito de cultura como *agir*, o que se mostra de acordo com as ações de Carolina. Além disso, o mesmo autor entende a cultura como um patrimônio reflexivo e intersubjetivo que caracteriza uma determinada classe social. Essa concepção vai ao encontro de Chpiet (2009 [1927]), que coloca que:

cada indivíduo é um coletivo de vivências, onde suas vivências pessoais são predeterminadas por toda a massa de apercepções, que compõem a coletividade das vivências da sua linhagem, isto é, tanto de seus contemporâneos quanto de seus antepassados (CHPIET, 2009, p.134).

Assim, os escritos de Carolina Maria de Jesus caracterizam-se como uma produção cultural e, por isso, mostram o ambiente social em que a autora está inserida e exprimem o processo do desenvolvimento histórico de um grupo social.

Uma das táticas ideológicas da burguesia, para legitimar sua dominação, foi introduzir a ideia de que a condição de pessoas como a Carolina Maria de Jesus era fruto de uma postura

individual, e não devido à organização da sociedade capitalista (SANTOS, 2015). Para reafirmar essa condição, a burguesia argumenta que todos os seres humanos nascem iguais e o que irá diferenciá-los é a capacidade intelectual, construindo a noção abstrata do direito liberal.

A escola, nesse cenário, como aponta Santos (2015), se mostra como instrumento fundamental para reiteração da ideologia dominante. O acesso que ela pode proporcionar a conhecimentos e maneiras de ver o mundo, inscritas no acervo da produção de áreas diversificadas do saber humano, é determinante nesse processo. Porém, ao contrário, ela também pode se constituir como importante ferramenta para a luta contra a política meritocrática e individualista, ao tempo em que essas discussões são inseridas criticamente nesse ambiente.

2.2 Preconceito racial

“Muitas fugiam ao me ver pensando que eu não percebia” (JESUS, 1996).

O enunciado acima ilustra e dialoga com o enunciado referente ao preconceito racial. O fato de alguém fugir da autora também se constrói como um enunciado pois

[...] respondemos a qualquer enunciação de nosso interlocutor, se não com palavras, pelo menos com um gesto, um movimento de cabeça, um sorriso, uma pequena sacudidela da cabeça, etc. Pode-se dizer que qualquer comunicação verbal, qualquer interação verbal, se desenvolve sob a forma de intercâmbio de enunciações, ou seja, sob a forma do diálogo (VOLÓCHINOV, 2013, p. 162-163).

É presumível que o que assombrava a autora se faz presente nos dias atuais, uma vez que, ao compreender o contexto em que ela vivia, o lugar social que ela ocupava e, mais ainda, a cor de sua pele, pode-se inferir o porquê de as pessoas fugirem dela.

A questão étnico-racial presente nesse contexto específico esteve também associada à constituição da civilização do Brasil, na qual o(a) negro(a) foi apresentado(a) como um obstáculo que impedia a ordem, que culminaria no progresso (SANTOS, 2015). O autor ainda discute que a diferença étnico-racial se transformou, portanto, em uma ferramenta para o estabelecimento de desigualdades sociais.

As desigualdades, observadas a partir do preconceito e da discriminação racial, estão cotidianamente inseridas nas relações sociais e nas de produção, que acarretam consequências políticas, econômicas e culturais, estando intimamente ligadas aos processos de dominação e de apropriação (IANNI, 1978).

A respeito disso, Carolina Maria de Jesus, ao fazer uma reflexão sobre o momento em que vivia, coloca, em suas palavras, a interação viva das forças sociais, voltando ao seu passado histórico, que foi marcado pela escravidão. Assim, sua consciência acerca dessa problemática passa a existir, já que é preenchida pelo conteúdo ideológico, ou seja, pelo processo de interação social que se deu historicamente (VOLÓCHINOV, 2018).

Nesse contexto, Carolina, em seu poema, deixa claro que quer um “lugar onde o preto é feliz” (JESUS, 1996). Isso, aliado à sua consciência, vai na direção do que discorre Munanga (2004), que mostra a construção de uma identidade negra mobilizadora e, somente assim, o povo negro poderá se organizar e se mobilizar de forma a lutar contra a dominação instituída historicamente.

Ao trazer essas questões em seu enunciado, a autora responde ao preconceito que estava intimamente presente em seu cotidiano e em sua história. Assim, ela demarca, tanto nesse poema específico quanto em outras obras, que diversas possibilidades de trabalho foram tolhidas por conta de sua cor. O racismo, como aponta Batista (2015), buscava constantemente deslegitimá-la enquanto pessoa, na medida em que contestava suas habilidades ligadas à condição humana.

2.3 Resistência da mulher negra

Ao analisar o poema, é possível perceber que o enunciado, considerando a posição social, a cor e o gênero de Carolina, é uma resposta às suas vivências enquanto mulher, negra, pobre, catadora de papel, mãe solteira e escritora.

Nesse ponto, é importante ressaltar que os escritos de Carolina, como aponta Magnabosco (2002), borram as fronteiras da literalidade, pois denunciam uma experiência do sujeito feminino que não são comumente vistas e que, a partir das vivências e enunciações da autora, há denúncias das fraturas causadas pela miséria econômica, emocional e relacional.

Considerando as discussões supracitadas, quando a dimensão de classe e de raça aliam-se às questões de gênero, o que se tem é um quadro em que as mulheres negras sofreram e continuam sofrendo uma dominação mais violenta e cruel: além de estarem do lado oprimido das relações de gênero, sobre elas também recaem as consequências do racismo e da pobreza, já que são relegadas às funções mais subalternas e degradantes da sociedade, sendo, então, submetidas à dominação de gênero, raça e classe (VILA; CRUZ, 2010).

Nesse contexto, quando se olha para a História, percebe-se que ela tem sido escrita majoritariamente por homens, os quais abordam problemáticas quase que exclusivamente do ponto de vista masculino (VILA; CRUZ, 2010). Além disso, a História não contempla a problemática dos grupos sociais dominados, gerando o silenciamento dessas vozes. Dito isso, a partir do

momento em que Carolina escreve sobre sua vida, dando voz às suas experiências, ela passa a ser autora de sua vida e se coloca como escritora de uma nova história, mostrando a necessidade dos oprimidos de expressarem seus sentimentos e pensamentos, constituindo eles próprios suas vivências, suas concepções de mundo e sua história.

Carolina, enquanto mulher, ao adotar seu ponto de vista da história, como aponta Scott (1995), implica necessariamente em uma redefinição do que vem sendo historicamente importante, possibilitando a existência de uma nova escrita da história das mulheres e, mais do que isso, uma nova escrita da História.

Considerações finais

Após análise e discussão do trabalho, considera-se o poema uma ferramenta rica para realizar questões acerca da problemática racial nos mais variados ambientes educacionais, uma vez que o ato da escrita desempenha um papel transformador para Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra de classe social dominada. É a partir desta voz expressada no poema que ela formula e reformula sua realidade. A partir dos enunciados presentes nesta obra poética é possível compreender a dimensão histórica, política e social que envolve a autora Carolina Maria de Jesus, isso, quando trabalhado nas instituições de ensino, poderá permitir aos estudantes a construção de um olhar crítico sobre a realidade, além de fazê-los perceber que diferentes vozes podem ser representadas na arte.

Em tempos sombrios como esses, cujos discursos de ódio vêm disfarçados de cuidado e carregados de moralismo, se faz necessário divulgar para a sociedade figuras tão marcantes quanto Carolina Maria de Jesus, já que ela lutou contra o preconceito racial e resistiu as condições sociais colocadas a ela. Para o círculo de Bakhtin, cada enunciado concreto responde a um enunciado anterior e suscita um posterior. Diante disso, a compreensão e o agir dos enunciados analisados nos indicam que o poema permite ampliar o olhar acerca da realidade e adequar a maneira como essas discussões são suscitadas nos diversos ambientes educacionais e ainda promove a valorização, por meio da divulgação, de autoras como Carolina Maria de Jesus.

Referências

ALVES, Miriam. Escritora Carolina Maria de Jesus: a fala do seu lugar de brasileira, mulher, negra. In: DINHA; FERNANDEZ, Raffaella (Orgs.). *Onde estaes felicidade?.* São Paulo: Me Parió Revolução, 2014. p. 73-75.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. Trad. A.F. Bernadini et al. São Paulo: Hucitec, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, 2004.

BATISTA, Grazieli Chirosse. Pobreza, racismo e trauma: reflexões sobre Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Simpósio Nacional de História Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios, 2015. p. 1-9.

CAVALLEIRO, Elaine dos Santos. Identificando o racismo, o preconceito e a discriminação racial na escola. In: LIMA, I.C.; ROMÃO, S.; SILVEIRA, S.M. (Org.). *Os negros e a escola brasileira*. Florianópolis: NEN - Núcleo de Estudos Negros, 1999.

CHPIET, G. G. *A forma interna da palavra: estudos e variações nos temas de Humboldt*. 4. ed. Moscou: Kníjni dom Librokom, 2009 [1927].

GALVÃO, Andréia Márcia de Castro. *Carolina Maria de Jesus: sua escrita, sua vida*. Fênix (UFU. Online) , v. 14, p. 1-17, 2017.

GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del cárcere*. Edizione critica. (Organização Gerratana). Turim: Einaudi, 1977.

IANNI, Octávio. *Escravidão e Racismo*. São Paulo: Editora Hucitec, 1978.

JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. (Organização José Carlos Sebe Bom Meihy). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996

MACHADO, Marília Novais da Mata. *Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinações e imaginário. Psicologia e Sociedade* (Impresso), v. 18, p. 105-110, 2006.

MAGNABOSCO, Maria Madalena. *Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus: um estudo sobre gênero*. 2002. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2013.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Programa de Educação sobre o negro na sociedade brasileira. 2004. Disponível em: <<https://bit.ly/palestramunanga>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RAMALHO, Christina Bielinski. A poesia é o mundo sendo: o poema na sala de aula. *Revista da ANPOLL* (Impresso), v. 1, p. 330-370, 2014.

REIS NETO, João Augusto dos. *Exu e a descolonização da docência: religiosidade afro-brasileira, cinema e a formação de professores(as)*. 2019. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG. Disponível em: <<https://bit.ly/dissertacaoufsj2019>>. Acesso em 22 jun. 2020.

SANTOS, Anderson Oramisio. Formação de professores à luz da história e cultura afro-brasileira e africana: novos desafios para uma prática reflexiva. *Poiesis Pedagógica*, v. 11, p. 150-169, 2014.

SANTOS, Rosenverck Estrela. O marxismo e a questão racial no Brasil: reflexões introdutórias. *Lutas Sociais (PUCSP)*, v. 19, p. 100-113, 2015.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Recife: SOS Corpo, 1995.

SILVA, Adriana Pucci Penteadó de Faria e. Bakhtin. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 45-69.

VILA, Ivonete Costa; CRUZ, Paulo Divino Ribeiro da. Mulheres negras no século XIX: entre a submissão e a rebeldia. *Revista África e Africanidades*, ano 3, n. 9, p. 1-18, 2010.

VOLÓCHINOV, Valentín Nikoláievitch. A construção da enunciação. In: VOLÓCHINOV, Valentín Nikoláievitch (Org.). *A construção da Enunciação e Outros Ensaio*s. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013, p. 157-188.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2. ed. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

Apoio: Capes, Fapemig e UFLA.